

McCain & Obama versus a administração Bush: economia e segurança nacional

McCain & Obama versus the Bush administration: economy and national security

JOSÉ RIBEIRO MACHADO NETO*

Meridiano 47 n. 99, out. 2008 [p. 26 a 27]

A economia e a segurança nacional sempre foram os segmentos mais importantes e comprometidos nas campanhas presidenciais norte-americanas e, agora, não poderia ser diferente. Neste atual momento, os EUA e seus principais aliados europeus – além da China e Japão – estão presenciando de formas diferenciadas, mas com relativa apreensão, os desdobramentos de mais uma inesperada e séria crise de liquidez, cujas causas são endógenas do próprio mercado financeiro norte-americano, reforçadas pelo clima político da sucessão e, em menor intensidade, pelas intervenções no Afeganistão e no Iraque.

Por menos organizado que seja o mercado financeiro norte-americano, quando comparado com o da União Européia e do Japão, observa-se que o poder de fogo do Federal Reserve (FED) não foi utilizado adequadamente, não obstante as injeções monetárias em termos aproximados de US\$ 600 bilhões, cifra considerável para a atual extensão da crise, mas que reflete a preocupação e medo das autoridades monetárias norte-americanas pelo retorno dos fantasmas de 1929. Milton Friedman (1995) ao diagnosticar as causas da crise de 1929 sob a ótica do monetarismo criticou com ênfase a morosidade do governo para implementar injeções monetárias. Desta feita elas surgiram rapidamente, inclusive, advindas da Europa e Ásia, que ultrapassam US\$ 200 bilhões.

Não obstante o tumulto que tende a generalizar-se, o objetivo mais importante da administração

republicana é manter a liquidez do sistema, quer pela adimplência, quer pela regularidade dos fluxos internos de capitais, com suas respectivas taxas de remuneração e pela capacidade de manter regular o atendimento das exigências pecuniárias das transferências multilaterais, internas e externas.

Admite-se que, nesses últimos tempos, em face do acirrado clima eleitoral, o FED tenha deixado o sistema financeiro um tanto livre da sua “rígida” regulamentação, mas o suficiente para promover sucessivos desvios de orientação financeira para a alocação de recursos nos setores estratégicos da economia, particularmente, nas áreas da construção civil, seguros e mercado de ações. Não fugindo à regra e devido à sua flexibilidade e audácia operacionais, foram os bancos de investimento que novamente soaram as trombetas anunciando a chegada da crise.

Por sua natureza e poder cumulativo, as companhias de seguro aliaram-se ao exército da rendição à intervenção estatal, não somente em termos institucionais, mas financeiros e este deverá se aproximar de um montante em termos de US\$ um trilhão. Esse valor será originário das reservas financeiras líquidas ou novas emissões do Tesouro norte-americano, que deverá influenciar, ainda que gradualmente, o poder de compra do dólar no concerto internacional.

Ainda não é extenso o rol de óbitos no mercado financeiro norte-americano, porém, é notória a identidade das instituições fulminadas em tão

* Doutor em História das Relações Internacionais e professor de Formação Política e Econômica da América Latina e do Brasil; professor voluntário do curso de Relações Internacionais e pesquisador colaborador do Centro Integrado de Ordenamento Territorial - CIORD da Universidade de Brasília – UnB (machadoneto@br.inter.net).

curto espaço de tempo: *AIG*, maior seguradora do Ocidente o banco *Bear Stearns*, considerado o quinto maior banco de investimentos dos EUA; *Freddie Mac* e *Fannie Mae*, megainstituições do setor financeiro-imobiliário; *Merrill Lynch*, importante e tradicional banco de Wall Street; *Lehman Brothers*, outro gigante banco de investimentos norte-americano. Tradição, confiabilidade e parceria com o poder ficaram seriamente comprometidas. Além do mais, o corolário de que o mercado pode tudo parece não mais valer para se identificar a economia norte-americana como carro chefe das economias de mercado.

O quadro atual da economia norte-americana, apesar de catastrófico, não deve ser ainda considerado dantesco. Admitindo-se como certa e válida a capacidade de reação do sistema capitalista – a exemplo de 1929-1933 – através da criação e até mesmo da substituição de mecanismos de política econômica, como também da capacidade de recuperação da economia dos EUA – uma coisa mais ou menos idêntica à campanha *rubro-negra* no campeonato brasileiro – são grandes as chances de recuperação da liquidez do seu sistema financeiro e seus impactos nas economias aliadas e periféricas sejam absorvidos sem traumas e que, em termos marginais, o dólar estreite sua diferença em relação ao euro.

Entretanto, neste momento o peso do custo da crise e de seus reflexos em 2009 e períodos seguintes poderão nortear o tom da campanha presidencial. Até agora os candidatos Obama e McCain, com 48% e 42% respectivamente de intenção de votos, não assumiram tons messiânicos para a salvação da economia norte-americana.

Obama tomou a dianteira no que diz respeito à sociabilidade econômica – distanciada de qualquer caracterização socialista – mas distributiva e com segmentos protecionistas direcionados para a classe média e operariado. Até o momento ambos não se posicionaram sobre a origem e mecanismos ideais de combate à crise, que possam ser adicionados ao curso de suas campanhas políticas. Talvez isto possa ser encarado com um excesso de precaução ou até

mesmo falta de definições tácitas das autoridades monetárias norte-americanas.

McCain, do tipo conservador tem atentado para a correção das falhas da administração Bush, porém sem comprometer a imagem republicana da atual administração, o poder de compra da moeda e a crença mundial do mercado norte-americano. Além do mais, a administração republicana sendo conservadora, pode-se admitir o fortalecimento do FED mediante mudanças na regulamentação do sistema financeiro e, inclusive, a busca de uma maior identidade com os bancos centrais europeus e asiáticos, virtuais fiadores do monetarismo norte-americano.

Sem sombra de dúvida o espectro republicano deverá continuar monetarista, com os olhos voltados para o concerto externo em defesa da moeda no comércio internacional. No contexto interno, é visível que ambas as plataformas políticas objetivem a retomada do crescimento industrial, priorizando o aproveitamento dos níveis de capacidade ociosa e de produtividade dos setores econômicos estratégicos e uma possível paz entre os partidos majoritários, enquanto durar a fase de recuperação econômica.

Recebido em 12/10/2008

Aprovado em 17/10/2008

Palavras chaves: Estados Unidos, eleição presidencial, crise financeira

Key words: United States, presidential election, financial crisis

Resumo: o artigo trata da eleição presidencial nos Estados Unidos. Analisa a plataforma econômica dos dois candidatos: Barack Obama e John McCain.

Abstract: the articles discusses the presidential election in the United States. It analyses the economic proposals of the two candidates: Barack Obama and John McCain.